

REVISTA INTERDISCIPLINAR DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFABC

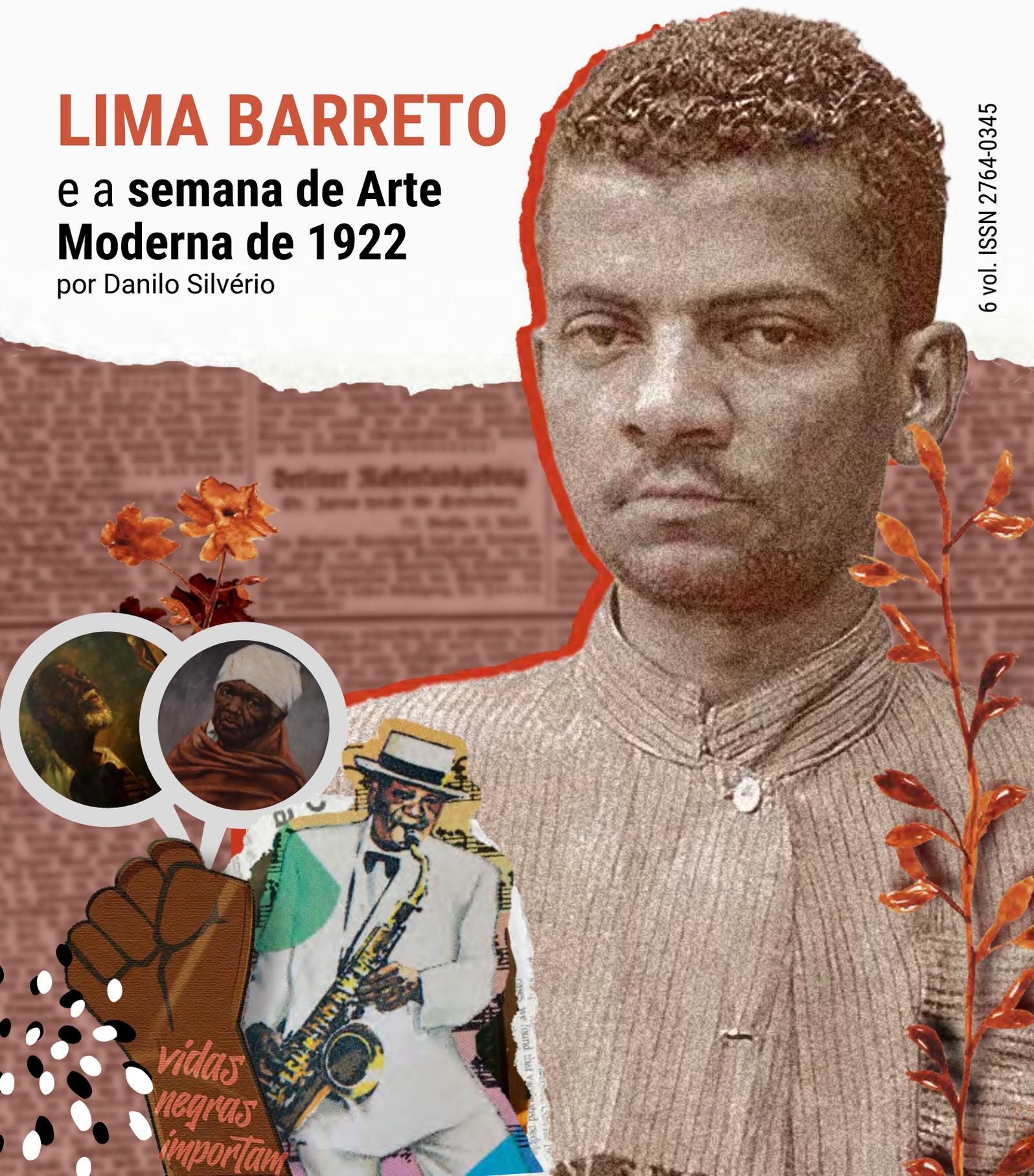
conectadas

LIMA BARRETO

e a semana de Arte Moderna de 1922

por Danilo Silvério

6 vol. ISSN 2764-0345



conectadas

**Conectadas 6 vol.
Revista Interdisciplinar de Extensão
e Cultura da UFABC**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

ISSN 2764-0345

Santo André, outubro de 2022

REITOR

Dácio Matheus

VICE-REITORA

Mônica Schröder

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

Edson Pinheiro Pimentel

Gabriela Maruno

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Bianca Nogueira

Renata Cezarini Canesso

Vitória Serecikas Loyola

COMISSÃO ORGANIZADORA

Caroline Silvério

Gabriela Maruno

Natalia Gea

Renata Cezarini Canesso

Thiene Pelosi Cassiavillani

Vanessa Aparecida do Carmo

CONSELHO EDITORIAL

Adriana Pugliese Netto Lamas

Alfredo Balduino Santos

Cristine Koehler Zanella

Flavi Ferreira Lisboa Filho

Francisco de Assis Comarú

Mario Minami

Roberta Kelly Amorim de França

Sílvia Dotta

Suzana Cecília KleeB

Thiago Sales Barbosa

conectadas convida:

Danilo Silvério



Cursou bacharelado e licenciatura em Letras na Universidade de São Paulo (USP), entre 1998 e 2002, com habilitação em Português e Inglês. Lecionou língua e literatura até 2011, quando ingressou na Universidade Federal do ABC (UFABC) como Técnico em Assuntos Educacionais (Letras) e cujo vínculo mantém até hoje. Em 2012 ingressou no programa de pós-graduação em Literatura Portuguesa, na USP, e defendeu a dissertação de mestrado intitulada "Antes morgânico que incestuoso: processo social e forma literária n'Os Maias,

de Eça de Queiroz", sob orientação do Professor Dr. Helder Garmes. Em 2017 iniciou o doutorado no programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, também na USP. Ainda sob a orientação do Professor Helder, defendeu, em 2019, a tese intitulada "Ultimatum, Crise do Romance e Representação Literária em Eça de Queirós". É autor de diversos artigos que versam sobre Literatura e Cinema. Em 2019 ministrou o curso de formação sobre "Literatura de Autores Negros no Brasil", na modalidade de Extensão, na UFABC.

Sumário

04

Conselho editorial

Apresentamos
nosso novo
conselho editorial

09

2022, uma nova gestão na UFABC

Conheça as preferências
e hábitos culturais das
quatro novas dirigências

18

Manifesto

5ª Semana de Arte,
Cultura e Tecnologia
da UFABC (SACT)
100 anos da Semana de
Arte Moderna de 1922

22

Lima Barreto

Conheça mais da vida
e obra do autor,
incluindo seu texto:
Amplius!

30

Lima Barreto e a Semana da Arte Moderna de 2022

Texto inédito com autoria de
Danilo Silvério

33

Sopro

Poema de
Tarso de Melo

34

Consuma a arte periférica

Conheça obras de Mano
Lima, Cena 7 e Janaína Vieira

Conselho Editorial

Apresentamos o
nosso novo
Conselho Editorial



**Adriana
Pugliese
Netto Lamas**

Professora Adjunta da Universidade Federal do ABC. Possui Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, área de Ensino de Ciências e Matemática (2015); Mestrado em Ciências Biológicas (Zoologia) pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002), Especialização em Ensino de Ciências e Biologia (2001), e Licenciatura em Ciências Biológicas também pela UFRJ (1997).

Coordenadora do grupo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências /NEPEC e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação em Ciência/GEENF, vinculado à Faculdade de Educação/FEUSP. Atuou como docente no Ensino Fundamental e Médio. Tem experiência e atua nas áreas de: ensino de Ciências e Biologia, formação de professores, currículo, educação não formal e divulgação científica.



**Alfredo
Balduino
Santos**

Doutor em Educação - Especialidade Desenvolvimento Curricular, na Universidade do Minho - UMinho - Portugal (2020). Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (2012). Especialização em Gestão para Qualidade na Administração Desportiva - UDESC (1999).

Graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (1993). Atualmente é Professor Universitário Adjunto no Centro de Educação a Distância, da Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc, atuando também como Coordenador de Extensão na Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Comunidade da UDESC. Tem experiência nas áreas de Educação, Saúde e Direitos Humanos, com ênfase em Educação. Atuando principalmente nos seguintes temas: formação acadêmica e continuada; extensão universitária, creditação/curricularização da extensão e direitos humanos. Atua ainda como Coordenador do Núcleo Extensionista Rondon - NER/ UDESC.



**Cristine
Koehler
Zanella**

Professora do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC (UFABC). Membro da comissão científica da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI). Coordenadora do Grupo de Estudos do Sul Global (GESG). Doutora em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Ciência Política pela Universidade de Gent (UGent), Bélgica. Mestre em Integração Latino-Americana, Bacharel em Direito e Bacharel em Economia, todos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Foi professora da Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA), do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), em que foi coordenadora de Pesquisa e Extensão do curso de Relações Internacionais na mesma instituição. Tem interesse nos seguintes temas: Relações internacionais e cultura (artes) Teorias e dinâmicas do Sul Global Relações internacionais do Brasil Sanções Econômicas.



**Flavi
Ferreira
Lisbôa Filho**

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural e do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Pró-Reitor de Extensão da UFSM. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 2. Doutor em Ciências da Comunicação. Mestre em Engenharia da Produção, Bacharel em Ciências Administrativas e em Comunicação Social habilitação em Relações Públicas pela Universidade Federal de Santa Maria. Coordenação Local da Cátedra UNESCO de Geoparques, Desenvolvimento Regional Sustentável e Estilos de Pesquisador líder do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades. Tem experiência no desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão na área de Comunicação, Patrimônio Cultural e Estudos Culturais.



Francisco de Assis Comarú

Professor da Universidade Federal do ABC.

Engenheiro civil pelo Instituto Mauá de Tecnologia (1992); Mestre pela Escola Politécnica da USP (1998), Doutor pela Faculdade de Saúde Pública da USP (2004). Foi Affiliate Academic na University College London/DPU, Londres (2011), Visiting Scholar na Organização Internacional do Trabalho, Genebra (2011) e Volunteer na Organização Mundial da Saúde, Genebra (2011) Orientador do Programa de pós-graduação em Planejamento e Gestão do Território da UFABC. É pesquisador do CEPEDOC Cidades Saudáveis da Faculdade de Saúde Pública da USP, colaborador do LABHAB FAUUSP e do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos. Assessor científico da FAPESP, consultor ad-hoc da CAPES, Assessor de área do INEP e parecerista de periódicos nacionais e estrangeiros. Líder do Grupo de Pesquisa "Justiça Territorial" registrado no CNPq. Experiência acadêmica e profissional em assessoria aos movimentos sociais, planejamento e gestão urbana e ambiental e políticas de habitação. Realiza pesquisas, ensino e extensão nos temas: políticas urbanas; áreas centrais metropolitanas; saúde pública; educação popular e ambiental; políticas públicas territoriais e trabalho decente.



Mario Minami

Professor da Universidade Federal do ABC. Possui graduação em Bacharelado e Licenciatura em Física pelo IFUSP, Instituto de Física da Universidade de São Paulo (1990), graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2009), Mestrado (1993) e Doutorado em Engenharia Elétrica pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1998). Atualmente é Professor Adjunto da Engenharia de Informação da UFABC, CECS, do grupo de Comunicações Multimídia e do Laboratório de Sinais e Sistemas da UFABC e pesquisador colaborador do Laboratório de Processamento de Sinais (LPS) do PSI-EPUSP. Tem experiência na área de Engenharia Elétrica, com ênfase em Processamento de Sinais de Voz, atuando principalmente nos seguintes temas: Reconhecimento, Síntese e Codificação de Voz, Processamento de Sinais Acústicos e Psicoacústicos, Processamento Digital de Áudio e Imagens.



**Roberta
Kelly Amorim
de França**

Servidora Técnica-administrativa (Bibliotecária) da Universidade Federal do ABC. Graduada em Biblioteconomia e mestre em Educação pela Universidade Federal de São Paulo, com interesse de pesquisa em ciência aberta e competências informacionais, política educacional, gestão democrática das instituições públicas e relações étnicos-raciais. É bibliotecária na Universidade Federal do ABC desde 2007, e atua como bolsista técnica no Centro de Estudos e Think Tank sobre Sociedade, Universidade e Ciência/ SoU_Ciência. Na UFABC atuou como tutora EaD em curso de formação de professores e desenvolveu pesquisas sobre objetos educacionais e tecnologias da informação. Participou do Grupo de Estudos e Pesquisa em Política Educacional e Gestão Escolar do CNPQ, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação (GEPPEGE/ Unifesp), da pesquisa "Política educacional na rede estadual paulista (1995 a 2018)", vinculada à Fapesp e atualmente está vinculada ao Grupo de Trabalho Relações Étnicos-raciais e Decolonialidade, da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições/ Febab.



**Silvia
Cristina
Dotta**

Professora da Universidade Federal do ABC (UFABC), é doutora em Educação pela FEUSP (2009), mestre em Educação pela FE-Unicamp (2003) e graduada em Comunicação Social pela ECA USP (1992). Coordena o programa InterAntar, que reúne projetos de divulgação das ciências antárticas mediadas por tecnologias. Desenvolve pesquisas científicas nas seguintes áreas: divulgação científica e mediação da aprendizagem por tecnologias.



**Suzana
Cecilia
KleeB**

Pesquisadora, Historiadora e Museóloga. É doutora e mestre em Planejamento e Gestão do Território pela Universidade Federal do ABC. Experiência voltada para pesquisas nas áreas de sociabilidade, desenvolvimento territorial, história local e regional e patrimônio cultural. Tem experiência em gestão pública nas áreas de memória, cultura e análise de indicadores socioeconômicos.

A portrait of Thiago Sales Barbosa, a man with long dreadlocks and a beard, wearing a dark jacket over a white shirt. The portrait is framed by a white, torn-edge border. To the left of the portrait is a small graphic of a red leaf on a stem. The background of the page is a collage of textures, including brown paper, a black background, and a floral pattern at the bottom right.

Thiago Sales Barbosa

Discente da pós-graduação da UFABC e Servidor Técnico-administrativo da Universidade Federal do ABC. Doutorando em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC), mestre em Políticas Públicas (UFABC) e graduado em Administração pela Faculdade Anhanguera de São Bernardo do Campo (Bolsista ProUni). Servidor técnico-administrativo (UFABC). Pesquisador vinculado ao grupo Política, Políticas Públicas e Ação Coletiva (3PAC). Colaborador da Escola Preparatória para a Pós-Graduação em Humanidades (Pós-Graduação/UFABC). Membro do Núcleo de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros da UFABC (NEAB). Integrante do Comitê Gestor Institucional de Formação Inicial e Continuada de Profissionais do Magistério da Educação Básica (COMFOR-UFABC). Possui interesse em pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, Cultura, Comunicação, Dinâmica Social, Políticas Públicas, Estudos Africanos e Afro-Brasileiros e Relações Internacionais.

The background features a light, textured surface with scattered autumn leaves in shades of orange and brown. There are also several pieces of newspaper clippings, some of which are partially visible at the top and bottom edges. The main title is centered in a large, bold, orange-red font with a black drop shadow.

2022, uma nova gestão na UFABC

Em 2022, a UFABC iniciou uma nova gestão de seu corpo dirigente. Dácio Matheus foi reconduzido ao cargo de Reitor da UFABC e Monica Shroder foi conduzida ao de Vice-Reitora. Assim como nas demais áreas da Universidade, a Pró-reitoria de Extensão e Cultura também será liderada por uma nova dupla dirigente: Edson Pimentel e Gabriela Maruno.

Nesta edição da Revista Conectadas, vamos conhecer as preferências e os hábitos culturais destas quatro novas dirigências - afinal, somos uma revista interdisciplinar e cultural.

Dácio Matheus

Reitor da Universidade
Federal do ABC | 2022-2026

Nasci imerso em música e festa. Família grande, entre lavradores e operários, os finais de semana eram, e ainda são, regados à farta comida caipira, e hoje praieiras, bebidas, muita conversa e música. Desde o assovio diuturno do bisavô Joaquim pela casa – coisa que meu pai e eu herdamos, as modinhas cantadas e dançadas pelo vô "(Vi) Briato" nos muitos aniversários, até as festanças do divino, as juninas, as natalinas e as carnavalescas, tudo me fez mergulhar numa profusão de sons e ritmos que fazem parte do meu corpo e de minha alma. Vila Lobos, Ravel, Pixinguinha, Beethoven, Beatles, Noel, Joplin, Jobim, Marley, Elis, Stones, Cartola, Piazzolla, Chico, Bernstein, Tom Zé, Winehouse, Emicida e Guinga, vieram depois e outros continuam chegando, e a cada encontro um espanto e um novo encantamento. E tudo deságua no canto vocal à capela, minha paixão desde sempre até hoje e que me faz descobrir desde músicas medievais e renascentistas até músicas étnicas, nova e dodecafônica.

Nem só em música eu vivo imerso. A plasticidade e a beleza das formas e das coisas também são motivos de inspiração e deslumbramento, desde a visualização de microscópicos esporos ornamentados de um fungo micorrízico até o espanto extasiado diante de uma imagem estereoscópica do relevo terrestre. Enveredei uns tempos pela pintura, numa forte amizade, de tardes inteiras de conversa com o Priore, artista reconhecido internacionalmente e desconhecido no Brasil e que me ensinou muito sobre pintura e os grandes mestres.



Do micro ao macro, moldei minha formação na agronomia, na microbiologia e nas ciências ambientais, sempre com vontade de ser arquiteto e advogado e com um forte compromisso social com o bem estar das pessoas. A extensão vem desde a sociologia rural e se desdobra de todos os projetos de pesquisa que tenho desenvolvido. No saneamento ambiental tenho trabalhado com tecnologias junto à indústria e na formação de agentes públicos para o setor e mais recentemente, no aproveitamento de resíduos e sua conexão com a economia circular e a agroecologia, como potencial geradora de emprego e renda e de serviços ambientais.

Casei-me com Silvia, uma educadora matemática das melhores, que também canta comigo. Juntos tivemos Pedro, arquiteto e Marina, nossa bailarina. E como dançam essas crianças!



Mônica Schröder

Vice-Reitora da Universidade
Federal do ABC | 2022-2026

Uma pessoa - ou talvez mais de uma - já me disse que é difícil concluir um texto; contrariamente, acho mais difícil - preciso admitir - começar um! Ainda mais quando me pedem para elaborar uma apresentação em tom pessoal e, neste caso, para contar meus gostos culturais. Encontrar a forma para tratar deles em um contexto de maior formalidade foi minha principal dificuldade, que me fez matutar uns dias seguidos.

No entanto, apesar desta dificuldade que expressei aqui, gosto por demais da palavra escrita, e de como ela nos conecta - o que ocorre, por exemplo, quando identificamos, como coletividade, autoras e autores que falam de nós e por nós. Claro que, somente ao falar de todas essas autoras e autores - e quero começar falando da cultura brasileira por aí, eu já esgotaria, possivelmente, o número de linhas que a equipe da PROEC me pediu para este texto de apresentação.

Escolho, então, falar de Machado de Assis. É certo que cada uma e que cada um de nós leu Machado em alguma etapa do ensino médio. E é provável que tenhamos voltado a ele, novamente, na vida adulta. No meu caso, foi quase que uma redescoberta. É uma alegria reencontrar inúmeras vezes a escrita de Machado, a cada leitura ou releitura, sempre oferecendo muito com suas escolhas de linguagem para tratar do percurso de



personagens e da sociedade, com sua perspectiva mais realista das personagens femininas de seu tempo (especialmente) e com sua ironia ao tratar da dinâmica social.

E menciono, ainda, o entusiasmo que venho experimentando ao ler grandes reportagens na forma de livros. Recentemente, com mais frequência, é o que tenho lido, especialmente jornalistas mulheres que têm sistematizado e analisado os fatos que buscam explicar estes nossos tempos embrutecidos, como Patrícia Campos Mello, Daniela Arbex e Natália Viana.

Concluo, já extrapolando - não teve jeito - o espaço que me foi dado para esta apresentação, contando do quanto gosto da música brasileira. Chico Buarque é o gosto que está presente desde a adolescência politizada, que apura o ouvido e a alma e que abre horizontes, porém, no decorrer da vida toda. Paulo César Pinheiro, Paulinho da Viola e Roque Ferreira, no samba especialmente, são os poetas de grandeza imensa, que expressam a diversidade do que somos desde o Recôncavo Baiano, passando pelo Rio de Janeiro e chegando na beleza de personagens diversas em seus amores e vivências sociais, sincréticas e comunitárias - tal trindade poético-musical, se me permitem tal definição, é a substância estética que mais concretude (e delicadeza) me dá sobre o Brasil, e isto sempre me assombra de uma maneira irresistível.

Nesta expressão do meu gostar cultural, acabei, ufa!, tratando um pouco do que eu sou, me apresentando, afinal, como haviam me pedido às pessoas queridas da PROEC. No fim das contas, ao solicitarem para me apresentar falando do que gosto na cultura, talvez tenha sido o jeito mais fácil de me fazer falar um pouco mais de mim, risos.

Obrigada, Conectadas,
pela prazerosa tarefa!



Indicações Culturais

Confira a Playlist para acompanhar sua leitura



Antônio Carlos Jobim (Vinícius de Moraes e Roberto Paiva)

Orfeu da Conceição (1956)

Projeto Gráfico: Raimundo Nogueira

Indicamos as faixas: Monólogo de Orfeu e Lamento no Morro



Tom Zé (Os Brazões e Os Versáteis)

Grande Liquidação (1968)

Projeto Gráfico: Oficina Programação Visual - SP

Indicamos as faixas: São São Paulo e Curso Intensivo de Boas Maneiras



Paulinho da Viola

Nervos de Aço (1973)

Projeto Gráfico: Elifas Andreato

Indicamos as faixas: Não Leve A Mal e Roendo as Unhas



Elis Regina

Falso Brillhante (1976)

Projeto Gráfico: Naum Alves de Sousa, Aldo Luiz e Nilo de Paula

Indicamos as faixas: Como nossos Pais e Velha Roupas Coloridas





Chico Buarque

Vida (1980)

Projeto Gráfico: Elifas Andreato

Indicamos as faixas: Bye Bye Brasil e Deixa a Menina



Roque Ferreira

Terreiros (2017)

Projeto Gráfico: -

Indicamos as faixas: Iansã e Imboladeira

Indicação Extra

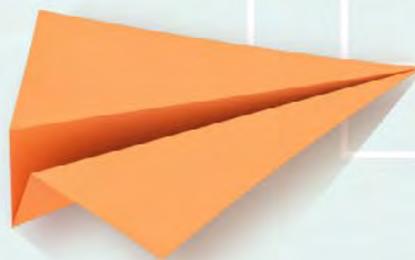
Sesc Digital - Coleção Toda Semana

Música e Literatura na Semana de Arte Moderna



Escute a
Playlist!





Edson Pinheiro Pimentel

Pró-Reitor de Extensão e Cultura
da Universidade Federal do ABC

Lembro-me, como se fosse hoje, do primeiro dia em que botei o pé em uma sala de aula como professor. Eu estava ali para socorrer um amigo que tinha ficado sem professor para uma disciplina. Até então eu tinha uma carreira de analista de sistemas. Mas naquele momento, tomei uma decisão: "Ser professor! É isso que eu quero!". Costumo dizer que, ser professor, foi uma escolha de vida. Fui então em busca de formação didático-pedagógica (mestrado e doutorado) e direcionei minha atuação em computação para aplicações em Educação. E esta é a minha linha de pesquisa predominante hoje: Informática na Educação. Assim, minha relação com extensão está muito relacionada com a formação de professores da rede pública para uso das tecnologias na sala de aula. Com a curricularização da extensão, em fase de implantação nos diversos cursos da UFABC, enxergo um potencial enorme para revisitação das práticas pedagógicas e estreitamento das relações com a comunidade regional do grande ABC. Protagonismo estudantil: É isso que todos queremos!".



Gabriela Maruno

Pró-Reitora Adjunta de Extensão e Cultura
da Universidade Federal do ABC

Era uma casa muito engraçada, a que eu cresci. Fosse você nos visitar, repararia na ausência de paredes brancas: as que não eram coloridas pela decoração, eu e minha trupe nos encarregávamos de transformar em tela. A despeito de nossas condições módicas, a voz de minha mãe frente a um desbotado quadro de Elis Regina nos lembrava que, naquela casa, eram permitidas as mais livres vocações. Não hesito: foi o colorir paredes que me trouxe até aqui.

Uma criação libertária e o ensino público me permitiram estudar artes ainda no (antigo) colegial - quatro anos que me outorgaram, vejam só, a profissão de desenhista. Nessa atmosfera, mergulhei na história das artes e usufruí de uma adolescência vigorosa, preenchida por referências que me aguçavam a registrar as angústias típicas da idade: pintei, ilustrei e expus, porém menos do que almejei; fotografei e revelei mais fotos do que imaginava ser capaz; planejei cenários e construí alegorias de carnaval que me ensinaram o poder do agir coletivo; aprendi a grafitar, a esculpir e até xilogravura; na cultura indie, amor incondicional, alcancei a habilidade de montar playlists que me apresentaram aos meus melhores amigos e aos meus maiores amores. Mas nada me arrebatou tão agudamente quanto o Cine Arte Lilian Lemmertz, onde me apaixonei por Laís Bodanzky e lapidei semanalmente (graças ao ingresso a três reais) o desejo de ser uma artista das grandes telas.

Ingressei na faculdade de cinema para ser diretora de arte; todavia, a inquietude me transformou em produtora. Produzi filmes que não passaram na TV, mas compõem a memória afetiva de um tanto de gente; experimentei ser roteirista de documentários e até fui premiada como diretora; porém a produção, ah, nunca saiu de mim. E lá se vão quase duas décadas ininterruptas nesta profissão, cuja missão não é outra senão realizar sonhos. Convicta do poder revolucionário da educação, enveredei-me para o mestrado e o doutorado, sedenta por investigar a potência das mulheres no cinema. Ser uma pesquisadora das artes me transformou em uma cinéfila-bibliófila, habitante de um lar do qual me orgulho pela falta de espaços; sobretudo, me trouxe a companhia de pessoas inspiradoras, que dividem comigo o anseio por uma vida com mais som e menos fúria. Há oito anos minha ventura é produzir em prol da cultura e da educação públicas. Quem vem à ProEC, constata: ao meu redor, nenhuma parede fica em branco.



Manifesto

5ª Semana de Arte, Cultura e Tecnologia: 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922



SACT
semana de arte,
cultura e tecnologia

"A minha intenção é apenas fazer uma sugestão a respeito de como podemos ver a Semana [de 22], e eu vou sugerir que ela possa ser vista como um semióforo e uma expressão de utopia"

Marilena Chauí, DIVERSOS 22:
LEVANTES MODERNISTAS
(35min.10s)

Refletindo sobre a importância de se lembrar as utopias de 1922 e pintá-las no compasso das digressões realizadas em 100 anos, a 5ª Semana de Arte Cultura e Tecnologia da UFABC iniciou a discussão acerca das técnicas humanas/culturais que precederam e tornaram possíveis as inovações de hoje e as que formam e informam nosso modo de ser-estar-agir no mundo contemporâneo.

Para mergulhar nessas utopias a 5ª SACT discutiu as múltiplas facetas da tecnologia conjugando-a no plural: tecnologias da estética, das tecnologias "obsoletas", tecnologias do meio ambiente, tecnologias de gênero, sem pretender esgotar as possibilidades, mas apontar ferramentas para travessia que nos aguarda.

Vale lembrar que a São Paulo de 1922 possuía como referência as vanguardas europeias. Hoje, no entanto, a postura decolonial que permeia as epistemologias das

ciências humanas nos oferece novo horizonte, novas formas de utopia.

Se há 100 anos o desafio era autodefinir-se no contexto de uma modernidade que acabara de experimentar um dos maiores males do século XX - a Primeira Guerra Mundial - hoje o desafio é a autodefinição na retomada de discursos legitimadores de um mundo bélico, intolerante às minorias e que assiste assombrado à instituição de poderes autoritários.



Anita Malfatti

Mario de Andrade

Essa empreitada - de retomada de utopias - vislumbra horizontes possíveis quando nos sabemos membros de uma Universidade Pública como a UFABC, guiada pelo horizonte da tecnologia e da inovação, sem jamais deixar à margem as práticas sociais e culturais necessárias para construirmos uma sociedade plena e equânime. Essas múltiplas facetas, por sua vez, encontram espaço agregador e receptivo para suas edificações em meio a nossa comunidade. Somos uma Universidade plural, inovadora e humanista: desde a concepção de nosso projeto pedagógico interdisciplinar até a nossa arquitetura, que destinou um amplo e nobre espaço às práticas artísticas e culturais.

No mais, falar de Semana de 22 é também falar de Cultura. Por isso insistimos na retomada de conceitos de tecnologias humanísticas, em especial o livro e a literatura, e dos debates sobre expressões artísticas que funcionaram, por muito tempo, como tecnologias de opressão - como o cinema, por muito tempo a principal tecnologia de gênero da cultura ocidental.

Por fim: se protagonistas da Semana de Arte Moderna de 1922 propuseram uma contra-memória ao centenário nacional da independência do Brasil num gesto de ousadia: anunciar que outra brasilidade era possível. No bicentenário, nos perguntamos que brasilidades fomos e somos capazes de ser.

Afinal, qual a travessia de hoje, nos anos de 2022?



Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo.

Oswaldo de
Andrade

Tarsila do Amaral



Teatro Municipal
de São Paulo

Referências

SESC São Paulo. Diversos 22: Levantes Modernistas. Youtube, 29/09/2021. (video 2 - 1h48min). Disponível em: <https://youtu.be/NnqeuS4zWqg>. Acesso em 25/10/2022.

HARDMAN, Francisco Foot. Pontos Extremos: Ruínas Invisíveis nas Fronteiras de um País. LILIAS, Visiting Resource Professor Papers. The University of Texas at Austin, 2008, 20 páginas. Disponível em: <https://repositories.lib.utexas.edu/handle/2152/4073?show=full>. Acesso em 25/10/2022.

ROLLEMBERG, Marcello. O mundo de 1922, para além da Semana de Arte Moderna. Jornal da USP, São Paulo, 23/02/2022. Radio Usp. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=493933>. Acesso em 25/10/2022.

KIYOMURA, Leila.
CEM ANOS DEPOIS,
OS SONS DA
SEMANA DE

ARTE MODERNA ESTÃO NO AR: Projeto do Sesc com participação da USP produz CDs com músicas e poemas ouvidos na Semana de Arte Moderna de 1922. Jornal da USP, São Paulo, 27/01/2022. Cultura. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/cem-anos-depois-os-sons-da-semana-de-arte-moderna-estao-no-ar/>. Acesso em 25/10/2022.

BARRETO, Lima. O destino da literatura. Revista Sousa Cruz, ns. 58-59, outubro e novembro de 1921.

Souza, Ricardo Luiz D. Identidade nacional e modernidade brasileira. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo Autêntica, 2007.

Souza, Ana Carolina M., D. et al. História e Patrimônio Cultural. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo A, 2021.



Nesta edição, a Conectadas dá destaque ao escritor Lima Barreto. Vamos conhecer um pouco mais de sua vida e obra, e em seguida, apresentaremos um texto inédito sobre o autor, escrito por Danilo Silvério, doutor em Letras e Literatura, e técnico-administrativo da UFABC. Boa leitura!

Texto originalmente publicado pela literatura Afro-Brasileira Faculdade de Letras da UFMG¹)

Autor de romances, contos e crônicas memoráveis; jornalista polêmico, com presença marcante em diversos órgãos de informação; e, sem dúvida, um dos mais destacados escritores brasileiros das primeiras décadas do século XX, Afonso Henriques de Lima Barreto é considerado por Octávio Ianni² um dos fundadores da literatura negra ou afro-brasileira. Coincidentemente, o escritor nasceu no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881, filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto – ambos afrodescendentes. Tinha como avó uma escrava liberta, Geraldina Leocádia da Conceição, agregada da família Pereira de Carvalho, cuja mãe, Maria da Conceição, nascera na África, tendo sido traficada para o Brasil em um navio negreiro. A figura dessa bisavó parece permear o imaginário do escritor, como destaca

1 Publicação original: [clique aqui](#)

2 Octavio Ianni (1926-2204), sociólogo e professor emérito da USP, foi um pensador devotado à compreensão das diferenças sociais, das injustiças a elas associadas e dos meios de superá-las. Participou da Escola de Sociologia Paulista, que traçou um panorama novo sobre o preconceito racial no Brasil e formulou uma agenda específica de estudos sobre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento econômico do país.

seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, ao resgatar uma das crônicas do autor, publicada em 1918:

"Era da África, de nação Moçambique [...] viera ainda rapariguinha para aqui, onde tivera para seu primeiro senhor os Carvalho de São Gonçalo; conhecera D. João VI, e, sobre ele, desconexamente, contava uma ou outra coisa avaramente guardada naquela estragada memória" (BARBOSA, 1952, p. 22).

Lima Barreto se criou numa família de poucas posses. Operário gráfico, seu pai trabalhou por muitos anos em órgãos importantes da época, tais como Jornal do Comércio e A Reforma. Sua mãe exerceu o magistério, numa pequena escola fundada pelo marido, porém, dela se afastou devido aos problemas de saúde que apresentava. Amália Augusta foi a primeira mestra do pequeno Afonso Henriques, mas veio a falecer, vítima de tuberculose, quando o filho tinha 7 anos de idade. A esse episódio fatídico o autor vincula seu temperamento introspectivo, quando desabafa:

Talvez fosse menos rebelde, menos sombrio e desconfiado, mais contente com a vida, se ela vivesse. Deixando-me ainda na primeira infância, bem cedo firmou-se o meu caráter; mas em contrapeso, bem cedo me vieram o desgosto de viver, o retraimento por desconfiar de todos, a capacidade de ruminar mágoas sem comunicá-las a ninguém. (In: BARBOSA, 1952, p. 44).

Contando com o auxílio do padrinho de batismo, o Visconde de Ouro Preto, Lima Barreto completou o ensino ginasial no colégio Pedro II.

Em 1897, entra para a Escola Politécnica. As condições precárias da família, principalmente após a morte da mãe e a doença mental que assolava o pai, fizeram com que o jovem abandonasse o sonho que seu pai alimentava e a ele transmitia: fazer do filho um engenheiro. Assim, o escritor abandona o curso da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, para trabalhar e assumir o sustento da sua família. Porém, já na mocidade sonhava em tornar-se um literato – um sonho ao qual se impunham barreiras, como ressalta Barbosa ao reproduzir um desabafo do autor:

"É triste não ser branco" escreveu Lima Barreto em seu Diário íntimo, resumindo numa confiança amarga todas as limitações que sofria. Mais que um complexo, a cor era uma barreira para a sua vocação de escritor. Tinha que transpô-la, mesmo que não conseguisse vencer o complexo (BARBOSA, 1952, p. 144).

A frase explicita o estado de espírito que persegue o homem em sua busca. A "barreira da cor" remete ao sujeito "emparedado" de que fala Cruz e Sousa e impõe desafios constantes, tanto no jornalismo quanto na produção literária, à qual iria dedicar todos os seus esforços. A leitura do Diário íntimo e de O cemitério dos vivos revela que o complexo viria a agravar a melancolia, a angústia e o sofrimento do escritor.

Em 1902, Barreto passa a atuar na imprensa estudantil; muda-se, juntamente com sua família, para o subúrbio do Rio de Janeiro e ingressa, através de concurso, na Secretaria da Guerra. Com o modesto ordenado que recebia como funcionário público, passa a

dedicar-se à literatura. Inicia em 1904 a escrita da primeira versão do livro Clara dos Anjos, que só viria a ser publicado em 1948. No ano seguinte, escreve Recordações do escrivo Isaías Caminha e, ao mesmo tempo, começa sua carreira como jornalista profissional no Correio da Manhã. Nesse período, também se dedica intensamente, nas salas da Biblioteca Nacional, à leitura dos clássicos da literatura mundial, das obras realistas e dos romancistas russos. Alguns anos depois, escreve o romance Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. Em 1911, durante três meses, publica Triste fim de Policarpo Quaresma, em formato de folhetim, no Jornal do Comércio.

O vício da bebida, que desembocaria no alcoolismo crônico do autor, apresenta suas primeiras manifestações, porém não o impede de continuar colaborando em diversos jornais da época. Em 1915, seu romance Numa e ninfa sai publicado no periódico A Noite. No ano seguinte, surge em livro o romance Triste fim de Policarpo Quaresma, juntamente com os contos "A Nova Califórnia", "Um e outro", "O filho de Gabriela", "Um especialista", "Miss Edith e seu tio", "Como o 'homem' chegou" e "O homem que sabia javanês", sendo o volume bem acolhido pela crítica da época, que via no escritor o sucessor literário de Machado de Assis.

Em 1917, após a primeira intervenção médica, que consistia em sua reclusão no hospital psiquiátrico, Barreto entrega ao editor os originais de Os bruzundangas, que só viria a ser publicado após sua morte. No ano seguinte, após o diagnóstico de epilepsia tóxica, é afastado do trabalho e aposentado. Logo depois se candidata a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, mas seu pleito é recusado.

No início de 1919, suspende a colaboração no semanário político A.B.C., por ter a revista publicado um artigo contra a raça negra, com o qual não concordava. Pela segunda vez, candidata-se à vaga na ABL, não conseguindo êxito. Mas recebe menção honrosa na categoria melhor livro do ano com o romance Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. De dezembro a janeiro do ano seguinte, é internado novamente devido à forte crise nervosa que o acometia, disto resultando as anotações dos primeiros capítulos da obra O cemitério dos vivos, publicada em 1953 junto com seu Diário Íntimo.

Já com a saúde debilitada, Lima Barreto se recolhe à modesta casa do bairro de Todos os Santos e à difícil convivência com as crises do pai. Em 1921, candidata-se pela terceira vez à Academia e logo depois retira sua inscrição. Entrega ao editor os originais de Bagatelas, que só seria publicado em 1923. No fim da vida, o escritor sofre também frequentes crises de reumatismo. E vem a falecer em 1º de novembro de 1922, vítima de colapso cardíaco. Dias depois, falece o pai. Ambos estão sepultados no cemitério São João Batista, onde o escritor desejava que fosse a sua última morada.

Com suas crônicas, contos, romances e escritos autobiográficos, Lima Barreto deixou uma obra de relevo, que percorre criticamente a realidade brasileira, em especial os momentos que se seguem ao término da escravidão e à implantação da República. Sua ficção dialoga a todo instante com o jornalismo, seja em termos temáticos – como se pode constatar pela leitura de Recordações do

escrivão Isaías Caminha, em que o mundo da imprensa ambienta o enredo – seja através do modo realista com que trata os problemas que afetam a vida brasileira do seu tempo. Outra marca indelével de sua obra reside no ponto de vista afro-identificado, que constitui um lugar de fala solidário ao subalterno e sensível aos dramas dos desvalidos, sejam eles homens ou mulheres. Estas últimas, em especial, recebem um tratamento distinto dos estereótipos dominantes à época, sobretudo no que tange à sexualidade da mulher negra, reduzida em muitos escritos do século XIX a mero objeto do desejo e das fantasias brancas e masculinas – animal erótico desprovido de razão e sentimentos.

Transcrevemos a seguir o texto crítico “Amplius”, escrito em 1916 em resposta a uma carta anônima, e publicado em 1920 como prefácio ao volume Histórias e sonhos. Nele, o escritor já aponta, seis anos antes da Semana de Arte Moderna, a falência dos modelos clássicos herdados da Grécia antiga, que define como “carcaça cujos ossos já se fazem pó”. E reitera a modernidade de seu pensamento a respeito da arte quando descarta a “literatura contemplativa” e propõe substituí-la por uma escrita “militante”, sintonizada com seu tempo. Tal postura o faz, novamente, arauto de propostas que só iriam se materializar na década seguinte, a partir da Harlem Renaissance e do New Negro Movement estadunidenses, que dão início à tradição da Literatura Negra do século XX, presente nos países hospedeiros da diáspora africana.

Lima Barreto**Amplius! Amplius!**
Sim; sempre mais longe

Como me parecesse necessário um prefácio para essa coletânea de contos e fantasias de várias épocas e coisas de minha vida, julguei-me no direito de republicar, à testa dela, as linhas que se seguem, com o título acima, editadas poucos meses depois do aparecimento do meu livro *Triste fim* de Policarpo Quaresma.

Apareceram em um jornal de grande circulação da cidade do Rio de Janeiro, *A Época*, e eu tive com elas o intuito de esclarecer o que poderia haver de obscuro em certas passagens dos meus humildes trabalhos. Trata-se agora de contos e coisas parecidas, mais do que nunca elas me parecem necessárias à boa inteligência do que a minha mão inábil quis dizer e não soube; e eu as transcrevo aqui, na suposição de que não são demais.

Ei-las como saíram em setembro de 1916:

Tendo publicado há poucos meses um livro, poderá parecer a alguns leitores que estas linhas se destinam a responder críticas feitas à minha humilde obra. Não há tal. Já não sou mais menino e, desde que me meti nessas coisas de letras, foi com toda a decisão, sinceridade e firme desejo de ir até ao fim.

Quem, como eu, logo ao nascer, está exposto à crítica fácil de toda gente, entra logo na vida, se quer viver, disposto a não se incomodar com ela.

A única crítica que me aborrece é a do silêncio, mas esta é determinada pelos invejosos impotentes que foram chamados a coisas de letras, para enriquecerem e imperarem. Deus os perdoe, pois afirma Carlyle que "men of letters are a perpetual priesthood".

De resto, todos os críticos só tiveram gabos para a minha modesta novela; e, se não fora alguns me serem quase desconhecidos, temeria que fossem inimigos disfarçados que conspirassem para me matar de vaidade.

A razão destas linhas é outra, muito outra, e eu explico já.

A emoção do recebimento de uma carta anônima só me foi dado experimentar ultimamente. Muitas dessas coisas banais da vida têm-me chegado assim tardiamente e algumas, pouco corriqueiras, antes do tempo normal aos outros.

A carta era anônima, mas absolutamente não era injuriosa.

Vinha escrita em linda letra e eu tenho pena em não acreditá-la feminina, pois se fosse meteria uma inveja doida aos galantes dos cinemas e maxixes da moda, linda gente feita de pedacinhos de mulheres feias.

Não tive portanto a emoção da carta anônima, pois a missiva era cortês, fazendo, sobre o meu

Policarpo, reparos sagazes e originais.

Simpatizei tanto com o escrito que não pude furtar-me ao desejo de responder, de qualquer forma que pudesse, ao desconhecido autor.

É o que pretendo fazer aqui.

Apesar de toda a inteligência que ressuma das palavras que a epístola contém, não me parece que o autor estivesse, em certos quartinhos, muito fora das modas de ver da nossa retórica usual.

Percebi que tem de estilo a noção corrente entre leigos e... literatos, isto é, uma forma excepcional de escrever, rica de vocábulos, cheia de ênfase e arrebiques, e não como se o deve entender com o único critério justo e seguro: uma maneira permanente de dizer, de se exprimir o escritor, de acordo com o que quer comunicar e transmitir.

Como não tocasse de frente em tal questão, deixo de parte semelhante ponto e reservo uma resposta mais ampla, detalhada para qualquer crítico ulterior. Veremos, então, se Descartes tem ou não estilo; e se Bossuet é ou não um estilo.

O que, porém, me faz contestar o meu amável correspondente anônimo, é a sua insistência em me falar na Grécia, na Hélade sagrada etc., etc.

Implico solenemente com a Grécia, ou melhor: implico solenemente com os nossos cloróticos gregos da Barra da Corda e pançudos helenos da praia do Flamengo (vide banhos e mar).

Sainte-Beuve disse algures que, de cinquenta em cinquenta anos, fazíamos da Grécia uma ideia nova. Tinha razão.

Ainda há bem pouco o senhor Teodoro Reinach, que deve entender bem dessas coisas de Grécia, vinha dizer que Safo não era nada disso que nós dela pensamos; que era assim como Mme. Sevigné. Devia-se interpretar a sua linguagem misturada de fogo, no dizer de Plutarco, como uma pura exaltação da mulher. A poesia sáfica seria, em relação à mulher, o que o diálogo de Platão é em relação ao homem. Houve escândalo.

Não é este o único detalhe, entre muitos, para mostrar de que maneira podem variar as nossas ideias sobre a velha Grécia.

Creio que, pela mesma época em que o senhor T. Reinach lia, na sessão das cinco Academias reunidas, o resultado das suas investigações sobre Safo, se representou na Ópera, de Paris, um drama lírico de Saint-Saëns – Djanira. Sabem os leitores como vinham vestidos os personagens? Sabem? Com o que nós chamamos nas casas das nossas famílias pobres – colchas de retalhos. Li isto em um folhetim do senhor P. Lalo, no Temps.

Esta modificação no trajar tradicional dos heróis gregos, pois se tratava deles no drama, obedecia a injunções das últimas descobertas arqueológicas. O meu simpático missivista pode ver por aí como a sua Grécia é, para nós, instável.

Em matéria de escultura grega, podia eu, com o muito pouco que sei sobre ela, epilogar bastante. É suficiente lembrar que era regra

admitida pelos artistas da Renascença que, de acordo com os preceitos gregos, as obras esculturais não podiam ser pintadas.

É que eles tinham visto os mármores gregos lavados pelas chuvas; entretanto, hoje, segundo Max Collignon, está admitido que as frisas do Partenon eram coloridas.

A nossa Grécia varia muito e o que nos resta dela são ossos descarnados, insuficientes talvez para recompô-la como foi em vida, e totalmente incapazes para nos mostrar ela viva, a sua alma, as ideias que a animavam, os sonhos que queria ver realizados na Terra, segundo os seus pensamentos religiosos.

Atermo-nos a eles, assim variável e fugidia, é impedir que realizemos o nosso ideal, aquele que está na nossa consciência, vivo no fundo de nós mesmos, para procurar a beleza em uma carcaça cujos ossos já se fazem pó.

Ela não nos pode mais falar, talvez nem mesmo balbuciar, e o que nos tinha a dar já nos deu e vive em nós inconscientemente.

Como se vê, o meu correspondente está preso a ideias mortas; e, em matéria de novela, por certas notações que faz, à minha, se não está jungida a um pensamento morto, deixou-se prender por uma generalização que a experiência do gênero não legitima.

Estranha o meu inesperado correspondente que o meu modesto livro fuja à questão de amor; não seja ela o eixo do livro. Mas, caro senhor, essa questão nunca foi primordial no romance.

Nem os antigos, nem os modernos. Nem nos franceses, nem nos espanhóis. Se o senhor me cita Dáfnis e Cloé, eu cito o Satiricon; se o senhor me cita a Princesse de Clèves, eu lhe apresento Lazarillo de Tormes.

Nos grandes mestres modernos, Balzac, Tolstói, Turguêniev, Dostoiévski, quase sempre o amor é levado para o segundo plano; e essa sua generalização de que o primordial do romance, e seu característico, por assim dizer, é tratar de uma aventura de amor, é tão verdadeira e necessária como aquela regra das três unidades, em matéria de drama e tragédia, de que os críticos antigos faziam tanta questão, citando Aristóteles, que nunca a tinha estabelecido.

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros, e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm em comum e dependente entre si.

A literatura do nosso tempo vem sendo isso nas suas maiores manifestações, e possa ela realizar, pela virtude da forma, não mais a tal beleza perfeita da falecida Grécia, que já foi realizada; não mais a exaltação do amor que nunca esteve a perecer; mas a comunhão dos homens de todas as raças e classes,

fazendo que todos se compreendam, na infinita dor de serem homens, e se entendam sob o açoite da vida, para maior glória e perfeição da humanidade.

É ideal dos nossos dias que é ainda beleza a palpitar nas suas mais altas manifestações espirituais; e não, como o meu correspondente pensa, o ressurgimento de concepções desaparecidas, de que só conhecemos poucas e raras manifestações exteriores, que só podem entorpecer a marcha da nossa triste humanidade para uma exata e mais perfeita compreensão dela mesma.

Não desejamos mais uma literatura contemplativa, o que raramente ela foi; não é mais uma literatura plástica que queremos, a encontrar beleza em deuses para sempre mortos, manequins atualmente, pois a alma que os animava já se evoluiu com a morte dos que os adoravam.

Não é isso que os nossos dias pedem; mas uma literatura militante para maior glória da nossa espécie na terra e mesmo no Céu.

O meu correspondente acusa-me também de empregar processos de jornalismo nos meus romances, principalmente no primeiro.

Poderia responder-lhe que, em geral, os chamados processos do jornalismo vieram do romance; mas mesmo que, nos meus, se dê o contrário, não lhes vejo mal algum, desde que eles contribuam por menos que seja para comunicar o que observo; desde que possam concorrer para diminuir os motivos de desinteligência entre os homens que me cercam.

Se conseguirem isso, por pouco que seja, dou-me por satisfeito, pois todos os meios são bons quando o fim é alto; e já Brunetière me disse que o era, ao sonhar em esforçar-me, na medida das minhas forças, para fazer entrar no patrimônio comum do espírito dos meus contemporâneos, consolidando pela virtude da forma tudo o que interessa o uso da vida, a direção da conduta e o problema do nosso destino.

E, como ele queria, assim como querem todos os mestres, eu tento também executar esse ideal em uma língua inteligível a todos, para que todos possam chegar facilmente à compreensão daquilo a que cheguei através de tantas angústias. No mundo, não há certezas, nem mesmo em geometria; e, se alguma há, é aquela que está nos Evangelhos: amai-vos uns aos outros.

Para atingir tão alto escopo, tudo serve; e, como são Francisco Xavier, todos nós, que andamos em missão entre hindus, separados em castas hostis, entre malaios ferozes e pérfidos, entre japoneses que se guerreiam feudalmente; todos nós, dizia eu, só devemos ter a divisa do Santo: "Amplius! Amplius!". Sim; sempre mais longe!

Referências

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). Contos completos de Lima Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Lima Barreto

Conheça suas obras

Obra individual

- Recordações do escrivão Isaías Caminha. Lisboa: Clássica Editora, 1909. (romance).
- As aventuras do Dr. Bogoloff. Publicação semanal às terças-feiras. Rio de Janeiro: Edição de A. Reis & C., 1912. (narrativas humorísticas).
- Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: Tipografia Revista dos Tribunais, 1915. (romance).
- Numa e Ninfa. Rio de Janeiro: A Noite, 1915. (romance).
- Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Revista do Brasil, 1919. (romance).
- Histórias e sonhos. Rio de Janeiro: Editora Gianlorenzo Schettino, 1920. (contos).

Publicações Póstumas

- Os Bruzundungas. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1922. (sátira).
- Bagatelas. Rio de Janeiro: Empresa de Romanços Populares, 1923. (crônicas).
- Clara dos Anjos. Rio de Janeiro: Mérito, 1948. (romance).
- Feiras e Mafuás. São Paulo: Mérito, 1953. (artigos e crônicas).
- Marginalia: impressões de leitura, mágoas e sonhos do povo. São Paulo: Mérito, 1953. (crônicas).
- Três contos: O homem que sabia javanês; Cló; A nova Califórnia. Ilustrações de Claudio Correia de Castro. Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos do Brasil, 1955.
- Coisas do reino do jambom: sátira e folclore. Prefácio de Olívio Montenegro. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- Vida Urbana. Prefácio de Antonio Houaiss. São Paulo: Brasiliense, 1956. (artigos e crônicas).

- A nova Califórnia e outros contos. Seleção, apresentação e notas de Flávio Moreira da Costa. 2 ed. Rio de Janeiro: Renavan, 1994.
- O subterrâneo do Morro do Castelo. 3. ed. Rio de Janeiro: Dantes, 1999. (novela).
- Lima Barreto: toda crônica. 2 vol. Organização de Beatriz Resende e Raquel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- Contos reunidos. Organização de Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.
- Contos completos de Lima Barreto. Organização e introdução de Lilia Moritz Schwarz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Não Ficção

- O destino da literatura. In: Revista Souza Cruz, outubro-novembro de 1921.
- Diário íntimo. São Paulo: Mérito, 1953 (memórias).
- O cemitério dos vivos. Prefácio de Eugênio Gomes. São Paulo: Brasiliense, 1956. (memórias).
- Correspondência. Prefácio de Antonio Noronha Santos. São Paulo: Brasiliense, 1956, 2 vol.
- Impressões da Leitura. Prefácio de Manoel Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956. (crítica).
- Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

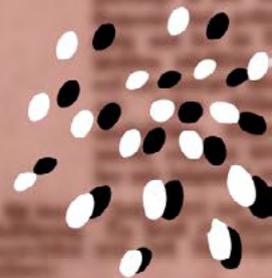
Antologias

- Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Organização de Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 1, Precursores.

Lima Barreto

e a **Semana de Arte
Moderna de 1922**





É de se espantar que ainda hoje, quando em literatura, há um bom tempo, já se discuta o fim da pós-modernidade, nos voltemos sempre à Semana de Arte Moderna de 1922. Mais espantoso ainda é que apenas muito recentemente tenhamos notado que alguns vultos literários, contemporâneos ao movimento, tenham, de certa forma, passado ao largo dele. Estamos falando, mais especificamente, de Lima Barreto.

Lima, mesmo morando no Rio de Janeiro, tivera, de fato, contato com a revista editada pelos jovens modernistas de São Paulo, a *Klaxon*, por meio de Sérgio Buarque de Holanda, e não se empolgara nem um pouco com ela. Para o escritor carioca, não havia qualquer novidade ali. Ele, como leitor assíduo da *Revue des Deux Mondes* (fundada em 1829 na França), já conhecia todas aquelas referências às vanguardas europeias e já houvera, inclusive, editado, com a colaboração de outros escritores próximos a ele, a sua própria revista, a *Floreal*, em 1907. Mesmo a mais renomada revista do modernismo português, a *Orpheu*, editada por Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro, já havia sido publicada em 1915. Assim, a impressão de Lima por certo era a de que a *Klaxon* não propunha mais do que uma releitura limitada do que fosse a arte vanguardista europeia – e o fazia com certo atraso.

Lima, todavia, não rejeitava aquela revista necessariamente pelo o que ela teria de moderna. Seu antagonismo se dava, mormente, por considerar o propalado “futurismo nacional” da *Klaxon* já ultrapassado e sem relação

efetiva com o que ele mesmo julgasse relevante para o debate literário brasileiro. Acresce que o autor de *Os Bruzundangas* era um notório crítico da plutocracia paulista, que financiava o movimento, e avesso a Graça Aranha, um dos cariocas partícipes da Semana. Aqui também é importante notar, caso ainda não tenha ficado claro, que Lima era já um modernista, na medida em que não ignorava as vanguardas e com elas dialogava literariamente – ainda que a seu modo. Ademais, nem a Semana de Arte Moderna havia ainda se tornado referência como movimento estético, nem Lima Barreto, tampouco, desfrutava do prestígio como escritor que a ele é atribuído hoje. De modo que a discussão aqui proposta, embora relevante, não teria muito cabimento em 1922. O exercício, ainda assim, é válido para entendermos não só a natureza daquele movimento, que de fato viria a ser tornar incontornável para as artes nacionais; mas também para entendermos a envergadura de Lima Barreto na literatura brasileira.

De uma perspectiva literária, Lima, que viria a falecer em novembro de 1922, por essa altura já tinha uma considerável obra publicada¹. Enquanto que o texto ficcional fundador do modernismo nas letras nacionais haveria de ser *Macunaíma*, de Mário de

¹ Para que a comparação seja justa, citemos apenas os romances publicados em livro e em vida: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), editado em Lisboa; *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915); *Numa e a ninfa* (1917); *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919).

Andrade, publicado apenas em 1928 – com uma modesta tiragem de 800 exemplares, custeada pelo próprio autor².

O projeto modernista paulista pode ter sido visto como provinciano à época, mas era, de fato, ao menos no espírito, cosmopolita – ainda que de início muito mais programático, em seus manifestos, do que efetivo nas obras (exceto talvez pela poesia de Menotti del Picchia, de Manuel Bandeira e do próprio Mário de Andrade). Sua pretensão era fazer, dali em diante, uma literatura nacional que fosse esteticamente integrada às vanguardas europeias – sem qualquer atraso relativo. Essa aspiração remete, muito claramente, a uma postura de classe. Os próceres da Semana de 1922 eram, afinal, parte de uma elite cafeicultora que comandava o país não só na economia, mas também na política – planejavam e financiavam obras de infraestrutura urbana, viajavam à Europa e ousavam, por vezes, verter seu capital na pequena indústria. A débâcle de 1929 afetaria sobremaneira esse idílio tropical, mas o café seguiria sustentando essa elite ao menos até a década de 1960, quando o grão ainda era o principal produto de nossa pauta exportadora.

Lima Barreto, por sua vez, sempre fora exacerbadamente crítico a essa oligarquia. Sua origem social era outra. Mesmo com um padrinho da estatura do Visconde de Ouro

² Oswald de Andrade também já havia publicado *Os Condenados*, em 1922, e *Memórias Sentimentais de João Miramar* sairia em 1924 – ambos custeados pelo próprio autor. Mas essas obras só viriam a ser devidamente notadas mais tarde.

Preto, não pôde concluir seus estudos na Escola Politécnica por conta das vicissitudes domésticas. Como arrimo de família, acabou amanuense via concurso público. Morava num subúrbio carioca e era filho de pai e mãe afro-descendentes. Diante desse estado de coisas, casou-se com a literatura e amasiou-se com o alcoolismo. Não ignorava o cosmopolitismo dos modernos paulistas, mas não se via como parte dele. Seus olhos estavam mais voltados para as especificidades do país em que ele vivia. Ainda assim, tal qual os modernistas, intentara se agrupar com seus pares ora na Floreal, ora na Academia Brasileira de Letras. Sua escrita à clef, todavia, rendeu-lhe uma solene indiferença da Academia e da crítica à época.

Que o bem nascido Oswald de Andrade cometesse suas pequenas vinganças literárias, com um humor nada discreto, vá lá... Mas Lima Barreto? O pater familias jamais suportaria o atrevimento do rapaz de “cor acentuadamente azeitonada”. De qualquer forma, quem hoje há de negar que *Triste Fim de Policarpo Quaresma* seja tão moderno, atual e nacional quanto *Macunaíma*? Embora a panela literária não tenha sido de grande valia para Lima à época, com o tempo a crítica literária o reconduziu a seu lugar de direito. E se ainda o chamam de pré-modernista é porque mesmo nisto deu azar: chegou muito antes dos rapazes de 1922. Pensando de outro modo, se para os paulistas a opinião de Lima sobre sua revista era tão importante, é porque eles mesmos já sabiam da grandeza desse carioca suburbano muito antes de todos nós.

Danilo Silvério

um mapa do país
uma tesoura
a janela aberta

cortar com cuidado
estado por estado
respeitando as fronteiras
pela última vez

jogar o país
em pedaços
para o alto

agora – deixar
soprar – o vento
até reinventar
a velha geografia

recolher o país
do chão

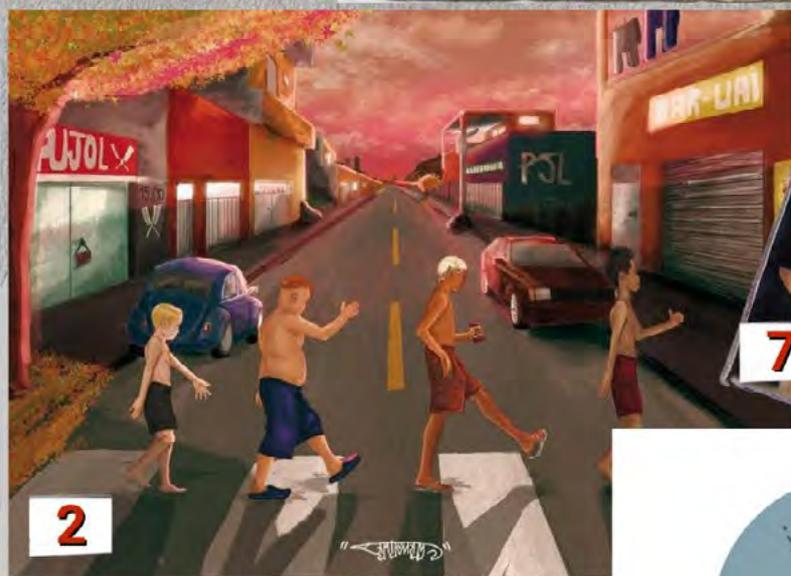
recomeçar

Sopro

Tarso
de Melo

Tarso de Melo nasceu em Santo André/SP, em 1976, e vive em São Bernardo do Campo. É autor de *Íntimo desabrigo* (poesia, Alpharrabio, Dobradura, 2017), *Rastros: antologia poética 1999-2018* (poesia, martelo casa editorial, 2019), *As formas selvagens da alegria* (poesia, Alpharrabio, 2022) e *Um mergulho e seu avesso* (ensaio, Impressões de Minas, 2022), entre diversos outros livros. É também advogado e professor, doutor em Filosofia do Direito pela Universidade de São Paulo.





consoma a **arte periférica!**



Mano Lima

[@manolimaa](#)

1 Bailarina

2 The Crias

3 Posso mudar meu destino

Cena 7

[@michelcena7](#)

4 Murmúrios do isolamento

5 Meu irmão era eu

6 Ensaio sobre as cores e fábulas

Janaína Vieira

[@jnavieira](#)

7 Quebrada, querida mãe

8 FIRMA & FORTE

9 Conhecimento é a única coisa que ninguém tira de nós

10 Lavadeira

OMA

GALERIA

conectadas



Diretrizes para submissão de trabalhos, acesse: conectadas.proec.ufabc.edu.br

Obras de João e Arthur Timótheo
Filhos de escravos no Rio de Janeiro no período da lei do ventre livre. Na juventude fazem um curso na Casa da Moeda e lá entram na Escola Nacional de Belas Artes, onde definitivamente aprimoraram seus dons artísticos. Suas obras já foram para exposições Brasil a fora e hoje estão no Museu Afro Brasil, no Parque Ibirapuera.

Pixinguinha
Foi um músico carioca nascido em 1897 e um dos maiores representantes do "chorinho" brasileiro. Seu nome foi resultado de um apelido colocado por sua avó Edwiges, africana de nascimento, derivado do dialeto natal, "Pizindin" (menino bom), que depois virou Pixinguinha.

